

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
CENTRO INTERDISCIPLINAR DE NOVAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM MÍDIAS NA EDUCAÇÃO**

ÉRIKA CRISTINA DE SOUZA

O USO DA TV E DO VÍDEO EM SALA DE AULA

**Porto Alegre
2010**

ÉRIKA CRISTINA DE SOUZA

O USO DA TV E DO VÍDEO EM SALA DE AULA

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Especialista em Mídias na Educação, pelo Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – CINTED/UFRGS.

Orientadora:
Dra. SILVIA FERRETO DA SILVA MORESCO

Porto Alegre
2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Pró-Reitor de Pós-Graduação: Prof. Aldo Bolten Lucion

Diretora do Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação:

Profa. Rosa Maria Vicari

Coordenador(as) do curso de Especialização em Mídias na Educação:

Profas. Rosa Vicari e Liane Margarida Rockenbach Tarouco

Bibliotecária-Chefe da Faculdade de Educação:

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, Maria das Graças e Geraldo Trajano, pelo amor incondicional e ao meu marido Charles Silva pelo fundamental apoio nos meus estudos: tanto nos momentos de vitória quanto nos momentos de desânimo. À minha amiga Rosângela Scheid, pela amizade, carinho e apoio constantes. Ao Lorenzo, com amor, por fazer parte da minha vida.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por todas as bênçãos recebidas até hoje.

Aos meus colegas professores da escola entrevistada e outros, que abriram as portas para a realização deste trabalho.

Aos meus colegas de curso com quem troquei muitas idéias, discussões e anseios e, que deixarão saudades.

Aos professores Elizeo Reategui e turora Ketia Kellen, pelas oportunidades de aprendizagem oferecidas. A Anelise Petinelli que deu total apoio para iniciar este curso e pela transmissão de experiências.

Aos meus amigos e familiares.

Meu agradecimento especial a orientadora Silvia Moresco, que prestou todo apoio na orientação desta pesquisa e soube transmitir conhecimento e amizade, para conclusão do mesmo.

RESUMO

O mundo atual tem sido sinalizado por mudanças nas várias áreas do conhecimento. Essas transformações avançam pelas atuais ferramentas tecnológicas de informação e de comunicação, tais como: o Computador, o Rádio e a Televisão. É nesse contexto, que a escola, especificamente, a sala de aula, está envolvida, onde esta sofre influências diversas das mudanças atuais, na medida em que esta se abre para um novo significado das perspectivas modernas sobre a razão, a produção do conhecimento e da comunicação. Assim vivenciando esse novo contexto, e com a presença de uma nova geração de alunos que convivem diariamente com essas novas tecnologias, a escola, através dos educadores utiliza-se destes recursos e assim, se faz necessário pensar como estes novos instrumentos de informação podem contribuir para a melhoria do Ensino. Este trabalho busca estudar a Televisão como uma linguagem motivadora, fonte de aprendizado e como possibilidade de conhecimento, ainda que estejamos cientes de todo o aspecto manipulatório e alienador da TV enquanto meio controlado pela classe dominante, pelo poder político e pela economia capitalista. Nossa intenção aqui é fazer uma análise do seu uso, como ela pode nos auxiliar na sala de aula, como uma ferramenta pedagógica. Não pretendemos nos prender exclusivamente ao uso de diferentes gêneros televisivos no desenvolvimento de atividades pedagógicas com a finalidade de transformar alunos em telespectadores críticos, mas fazer uma análise das diferentes possibilidades de utilização dos gêneros televisivos como materiais de apoio pedagógico, de ilustração e de aprofundamento de conteúdos escolares. E, principalmente, realizar uma análise do uso de programas educativos produzidos especialmente com o intuito de ensinar, instruir ou educar. Com base neste estudo abordaremos como as mídias, têm assumido novos espaços na sociedade, especialmente na Escola: de que forma isso é aceito pelos professores e como a leitura de suas mensagens é realizada pelos alunos. Discutiremos as diversas possibilidades de uso da Televisão pelo professor em suas atividades pedagógicas. Faremos um breve relato de algumas das dúvidas levantadas por professores que desejam usar o vídeo, não apenas como apêndice da aula, mas como um instrumento que contribua de fato para o processo de ensino-aprendizagem, para formação e/ou construção de conceitos e para as relações interpessoais desenvolvidas no ambiente escolar. Considerando a inexistência de

uma resposta única para as questões apresentadas; e, tomando como pressuposto que a utilização de vídeos e da TV em processos educativos, como qualquer outra atividade pedagógica, pressupõe-se um planejamento criterioso, e, assim discutiremos a utilização do vídeo em sala de aula com o intuito de verificar o impacto causado pela aplicação dos meios audiovisuais nas atividades didático-pedagógicas. Esta pesquisa será do tipo exploratória, pois pretende verificar como a TV tem contribuído na sala de aula para o aprendizado dos alunos e de como o professor articula-se diante desta ferramenta. Os educadores responderão a um questionário com perguntas fechadas, e espaço para falar de seu trabalho na sala de aula, com o uso da TV podendo dar sugestões ou fazer críticas deste tipo de mídia.

Palavras-chave: gêneros televisivos – possibilidades – desafios

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	8
2	A TV NA ESCOLA.....	10
2.1	Conceitos e preconceitos da TV na escola.....	12
2.2	Possibilidades e desafios da TV na sala de aula.....	19
2.3	Contribuições da TV no processo de ensino e aprendizagem.....	22
3	A NOSSA ESCOLA I.E.E. ASSIS CHATEAUBRIAND.....	27
4	METODOLOGIA.....	28
4.1	Sujeitos da Pesquisa.....	28
4.2	Coleta de dados.....	29
4.3	Análise dos resultados.....	30
5	CONCLUSÃO.....	37
	REFERÊNCIAS.....	39

1 INTRODUÇÃO

A chegada de novas tecnologias de comunicação nas escolas, aliada à nova geração de alunos que convivem diariamente com a Internet e a Televisão, além do uso destas mídias nas atividades didático-pedagógicas pelos professores, nos faz pensar sobre as formas pelas quais estes novos instrumentos de informação podem contribuir para a melhoria do Ensino.

Este trabalho busca estudar a televisão como uma linguagem motivadora, fonte de aprendizado e como possibilidade de conhecimento, ainda que estejamos cientes do propósito manipulatório e alienador da TV enquanto meio controlado pela classe dominante, pelo poder político e pela economia capitalista.

Nossa intenção aqui não é fazer uma análise profunda do seu uso e nem influenciar no modo de como ela pode nos auxiliar na sala de aula. Não pretendemos também nos prender exclusivamente ao uso de diferentes gêneros televisivos no desenvolvimento de atividades pedagógicas com a finalidade de transformar alunos em telespectadores críticos.

Sabemos da importância destes exercícios em sala de aula. Porém pretendemos aqui fazer uma análise das diferentes possibilidades de utilização dos gêneros televisivos como um material pedagógico, de ilustração e de aprofundamento dos conteúdos escolares. E, principalmente, realizar uma análise do uso de programas educativos produzidos especialmente com o intuito de ensinar, instruir ou educar.

Com base nestes estudos, abordaremos como as mídias têm assumido novos espaços na sociedade, especialmente na escola: de que forma isso é aceito pelos professores e de que forma a leitura de suas mensagens é realizada pelos alunos.

Discutiremos as diversas possibilidades do uso da televisão pelo professor em suas atividades pedagógicas.

Faremos um breve relato de algumas dúvidas levantadas por professores que desejam usar o vídeo, não apenas como um apêndice da aula, mas como um instrumento que contribua de fato para o processo de ensino e aprendizagem, para a formação e/ou construção de conceitos e para as relações interpessoais desenvolvidas no ambiente escolar. Considerando a inexistência de uma resposta única para as questões apresentadas, e tomando como pressuposto que a utilização de vídeos em processos educativos, como qualquer outra atividade pedagógica, pressupõe um planejamento criterioso, discutimos a utilização do vídeo em sala de aula com o intuito de verificar o impacto causado pela aplicação dos meios audiovisuais nas atividades didático-pedagógicas.

2 A TV NA ESCOLA

Segundo Braga e Calazans (2001), a inevitável articulação entre sociedade contemporânea e suas instituições, neste caso, o sistema de ensino, nos leva a considerar os agentes e estímulos dos quais ambos são alvos. Hoje se observa a chegada de novas tecnologias de informação às redes de ensino, tornando a escola mais um campo social dominado pela mídia eletrônica. Isso acontece através de professores e alunos, que a cada dia provam que a televisão, a internet, o celular e o jornal, por exemplo, estão dentro da sala de aula. Isto pode ser confirmado através dos seguintes estudos:

Na verdade, o que observamos é uma sociedade moderna ampliando e diversificando suas possibilidades de interação mediatizada desde a segunda metade do século XIX, através de novos procedimentos e tecnologias, que vão compondo, ao lado do livro e do jornal (os dois principais processos midiáticos anteriores e já multisseculares), um conjunto crescentemente complexo. (BRAGA; CALAZANS, 2001, p.19)

Desta forma, os meios de comunicação atualmente adquirem a importância de veiculadores de conhecimento, tarefa antes restrita às instituições de ensino. Professores passam a utilizar este instrumento, cientes que, para uma participação ativa na sociedade é necessária a formação de cidadãos críticos, capazes de refletir a respeito de fatos cotidianos, mas, principalmente, das mensagens recebidas diariamente através de jornais, revistas, televisão, rádio e internet.

Entende-se, que o uso da televisão na escola pode contribuir para a percepção da realidade dos estudantes, preparando os alunos para as mudanças ocorridas na sociedade, vista agora como uma sociedade de informação na qual a velocidade, as distâncias e as relações humanas sofrem interferência direta destes meios.

Entre as diversas mídias utilizadas pelos professores, o jornal e as revistas como produtos da indústria cultural de massa, tornam-se responsáveis pela

transmissão de informação e entretenimento, sendo muito utilizadas na divulgação de conhecimentos mais especializados e na documentação dos acontecimentos. Com isso, tornam-se um instrumento de auxílio ao professor com bastante frequência.

Ter familiaridade com textos de jornal significa ter superado um forte obstáculo ao acesso à informação e, indiretamente, à língua culta. Para a maioria dos jovens, a leitura de jornal constitui uma tarefa enfadonha e desinteressante. O primeiro passo da escola será mudar essa imagem. (RAMOS, 1999, p. 33).

Para Duarte (2002), com a crescente chegada dos recursos tecnológicos nas escolas, possibilitando o uso da TV e do DVD pelos professores nas atividades com os alunos, percebeu-se uma nova parceria: a educação com o cinema. Se por um lado, a escola tende a generalizar a crítica que se faz à baixa de qualidade de alguns filmes e ao exagero da veiculação de imagens de violência, alguns professores têm contribuído para a valorização do Cinema, enquanto patrimônio cultural da sociedade. Além de ilustrar, de forma lúdica e atraente, o saber que acreditamos estar contido em fontes mais confiáveis, o Cinema oferece a oportunidade de despertar o interesse dos alunos por verdadeiras obras cinematográficas, se as atividades forem bem planejadas pelo professor. Segundo Rosália Duarte, até mesmo filmes considerados ruins são capazes de despertar o interesse e estimular a curiosidade em torno de temas e, problemas que, muitas vezes, sequer seriam levados em conta. Moran (2009), também ressalta que o professor deve poder documentar o que é mais importante para o seu trabalho, ter o seu próprio material de vídeo assim como tem os seus livros e apostilas para preparar as suas aulas. O professor estará atento para gravar o material audiovisual mais utilizado, para não depender sempre do empréstimo ou aluguel dos mesmos programas.

Paralelo à utilização de filmes nas escolas, o advento da TV tem ocorrido não somente através de iniciativas individuais de professores, mais também por meio de ações governamentais e não governamentais, de instituições que perceberam a importância deste recurso na formação de alunos (Telecurso do 2º grau, TV Escola, Multicurso, entre outros).

As possibilidades da utilização da TV nas atividades educacionais são inúmeras, igualmente como a variedade de gêneros televisivos que podem ser utilizados, divididos em programas educativos e não educativos.

Além disso, o uso da televisão, dos computadores e da internet nas escolas poderá propiciar a inserção dos alunos na sociedade contemporânea, uma sociedade midiaticizada e interligada por uma rede de computadores.

As comunidades mediatizadas ampliam desmesuradamente as informações disponíveis, oferecem imagens (do mundo ou virtuais) de modo proliferante, criam contatos entre áreas (geográficas, contextuais, temáticas, processuais) antes praticamente separadas, aceleram interações. (NAPOLITANO, 2003, p. 18).

2.1 Conceitos e preconceitos do uso da TV na escola

Em 18 de setembro de 1950, entra no ar o primeiro programa de TV no Brasil. Era o início da TV Tupi, canal 3, implantada por Assis Chateaubriand. O Brasil era o quarto país do mundo a transmitir uma programação televisiva, mas a televisão só veio emplacar no país com a proteção do regime militar, entre 1964 e 1985, tornando-se então acessível às camadas mais populares da sociedade, ainda que em espaços geográficos dispersos. (NAPOLITANO, 2003, p.18).

Convencidos de que a mensagem transmitida pela TV é quase sempre uma mensagem de caráter manipulatório, ditada pela regra daqueles que detém o poder das telecomunicações e da economia, transmitindo crenças e valores que lhe interessam em determinado momento, muitos educadores responsabilizam ainda a TV pela transmissão de mensagens de baixo cunho cultural, transformando a Escola num espaço de oposição à cultura televisiva. Estas características da televisão se justificam basicamente pela guerra por audiência, que reduz drasticamente os objetivos da TV em entreter e vender. Para aumentar o lbope, alguns donos de emissoras, assim como seus produtores, põem no ar uma programação bruta, dolorosa e sensacionalista, proporcionando, segundo os mais críticos, o aumento da

violência na sociedade, a espetacularização do banal e também a erotização precoce de crianças e jovens.

É comum ainda a exposição da intimidade e da sexualidade de pessoas públicas ou simplesmente anônimas, gerando uma confusão entre o que é espaço público e privado e o desejo de notoriedade. Tudo isto se torna, muitas vezes, fato comum, selecionado diariamente como pauta da programação televisiva para garantir maior visibilidade. A possibilidade de utilizar a TV como um veículo de informação e também de educação deixa muitas vezes de ser aproveitada para aumentar os índices de audiência da emissora.

[...] é a tendência ao sensacionalismo e ao conteúdo de baixo nível ético, estético e cultural que parece marcar os programas ditos populares, sobretudo os programas policiais e de variedades. Muitos professores, de diferentes ideologias, questionam o nível geral dos programas, e neste caso podem transformar a escola em um espaço de resistência cultural e educacional contra a tendência a massificação e o baixo nível veiculado pela TV. (NAPOLITANO, 2003, p.18).

Em contrapartida, Braga (2001), afirma que, muitos produtores, jornalistas, donos de emissoras, autores de novelas e apresentadores se preocupam com o conteúdo transmitido pela televisão. Chegam a se comprometer com o perfil educativo que a TV pode assumir, colocando em evidência discussões e polêmicas a respeito de temas como: política, saúde, educação sexual, etc. Autores de novelas, por exemplo, criam falas para seus personagens que nem sempre são assuntos ligados à narrativa, fazendo com que muitas novelas não sejam apenas programas de entretenimento, mas de prestação de serviços, informação e até mesmo de educação, mostrando temas que são vivenciados no dia a dia de nós brasileiros.

Aos poucos, a Televisão se tornou um instrumento capaz de ensinar sem sequer tentar trilhar exclusivamente o caminho da educação. E a escola, em situação de desvantagem, permaneceu tentando ensinar sem tanto sucesso como pretendia. E, mesmo que a TV mantenha notória influência e ascensão na sociedade, a Escola tenta manter sua posição de veiculadora do saber legítimo.

Até recentemente, parecia haver uma recusa na idéia de que pudesse ocorrer aprendizagem a partir da mídia de comunicação geral, como se a “aprendizagem autorizada” ou legitimada pela Escola fosse a única “verdadeira”, ou devesse ser usada como padrão e critério de cotejo. Esta relação de recusa refere-se sobretudo ao período de ênfase dos meios audiovisuais. (BRAGA; CALAZANS, 2001, p. 93).

Penteado (1991), em “Televisão e Escola - conflito ou cooperação?”, apresenta duas formas as quais a Escola pode se posicionar em relação à Televisão: enquanto competidora as condições de desvantagem e enquanto uma instituição capaz de aceitar a colaboração deste veículo.

A mesma autora destaca que, como competidora da Escola, a televisão é acusada de:

- roubar das crianças e adolescentes muitas horas de estudos, bem como de outros afazeres saudáveis, como de brincadeiras, jogos e esportes,
- expor os jovens telespectadores a uma linguagem oral padronizada, cheia de chavões, empobrecida,
- apresentar através do recurso da imagem, reduzida em sua potencialidade reveladora (pela linguagem oral, tal como é utilizada), uma dada versão do fato, que “passa” como se fora o “próprio fato”.

Enquanto colaboradora da Escola, Penteado (1991) ressalta as críticas atribuídas a Televisão:

- desestímulo à aquisição de informações por outros meios que exijam maior esforço, como a leitura de textos escritos, por exemplo,
- desinteresse pelas aulas, uma vez que não se apresentam tão sedutoras e atraentes.

Napolitano (2003), em “Como Usar a Televisão na Sala de Aula”, destaca que a televisão assumiu parte dos objetivos e deveres que antes eram exclusivos da Escola.

A TV, apesar de tão pouco tempo de existência, tornou-se praticamente um elemento constitutivo de nossa cultura e de outras culturas existentes. Por ser capaz

de atingir várias regiões geográficas e ser de fácil acesso, se instaurou com seu perfil sedutor e linguagem atraente.

Neste sentido, a TV passa a penetrar mais ainda o espaço educacional, invadindo áreas antes exclusivas de professores e dos livros escolares, considerados como saberes legítimos. Daí, o temor de muitos profissionais, preocupados com a substituição de sua mão-de-obra por este possível novo instrumento de ensino.

Segundo Demo (1998), os avanços no campo educacional não são capazes de acompanhar os avanços tecnológicos do campo comunicacional. Mas, mesmo transformando o formato dos programas educativos, tornando-os mais atraentes, utilizando recursos tecnológicos e efeitos especiais provenientes de todos estes avanços, a aprendizagem dos alunos ainda continua baixa, mostrando que a velocidade que cresce a instrumentalização eletrônica não é correspondida com as expectativas da aprendizagem.

Conforme o mesmo autor, o formato atrativo da Televisão passa a ser considerado ainda mais perturbador pelos educadores, que estão preocupados com as mudanças que a TV provoca em valores culturais tradicionalmente estabelecidos. Grande parte dos deveres a serem cumpridos pela Escola, como a transmissão de valores éticos, culturais e até mesmo didáticos, são assumidos, aos poucos, pela televisão. Em muitos casos, a TV chega a ser considerada um espaço de mais credibilidade até mesmo que a Escola e a Igreja, instituições tradicionais, mas que perdem aos poucos sua capacidade de identificação com a sociedade.

Além disso, a televisão se tornou mais um meio de comunicação capaz de exercer o papel de registro histórico, através de suas imagens, seu som, de sua linguagem inovadora, do poder de convencimento que ela possui e de seus depoimentos. É através, da televisão que a população passa a se informar diariamente de acontecimentos do Brasil e do exterior. E, é por isso que, hoje em dia, só é considerado notícia aquilo que passa pela mídia eletrônica.

Isso nos faz refletir a respeito da necessidade de mudanças na estrutura organizacional da escola: burocrática, ainda pouco preparada para atender a demanda social, um pouco conservadora em sua pedagogia, falha em seus objetivos e muitas vezes, com muitos recursos tecnológicos, mais sem profissionais capacitados ou incapazes de manusear certos equipamentos (data-show, computadores, vídeos) para não saírem de suas aulas tradicionais.

Segundo Demo (1998), enquanto isso, a TV, tão atraente, falando a linguagem universal, organizada num sistema de produção industrial, causa temores e desafios àqueles que percebem que é um meio capaz de produzir e difundir conhecimentos. Sua linguagem é sintética, pois é capaz de apresentar, de forma eficiente e rápida, narrativas, problemas e situações complexas. Tudo isso graças à combinação de elementos sensoriais como som, imagem, cor e texto. Muitas vezes transmitir uma informação pela televisão é mais prático e mais rápido que transmiti-la através de um texto escrito ou de uma linguagem oral. Isso porque a Televisão é mais rica em estímulos, capaz de apresentar através de imagens, aquilo que demoraria mais tempo para ser descrito através de palavras. Ela disponibiliza, armazena e troca informações em grande velocidade. Além disso, é capaz de ilustrar, com movimentos, o que antes era visto apenas em foto nos livros didáticos. Mais o autor ainda afirma que, apesar do caráter informativo, de possibilitar o ensino, a formação e a educação ainda são apenas garantidos com a presença do professor na sala de aula.

[...] a instrumentação eletrônica não é, de si, educativa ou formativa. É facilmente informativa, atraente, dinâmica. Mas seu impacto educativo, como regra, provém da ambiência humana implicada no processo formativo, não dela mesmo. (DEMO, 1998, p.10)

O educador precisa saber aproveitar os recursos da TV, lançando um olhar mais crítico e atento sobre o aparelho, o que muitas vezes não acontece pela impossibilidade habitual de permanecer por muito tempo num só canal, pela falta de tempo e desinteresse.

É preciso ainda que o professor saiba criticar imparcialmente e distinguir o que é realmente mostrado na televisão do que é sua opinião, seu julgamento. E aí sim, desta forma, saber trabalhar eficientemente o uso da televisão na sala de aula.

O que se conclui, a partir de tais fatores, é que os professores podem adotar posturas tão diferentes diante da TV. Se, por um lado, alguns sentem a impossibilidade de utilizar este recurso para o benefício da Educação, outros depositam todas as suas esperanças em resolver os problemas pedagógicos

através deste meio, chamando a atenção dos alunos e diminuindo o desinteresse pelo assunto estudado.

O que deve ficar bem claro tanto para os professores, mas principalmente para os alunos, é o que o uso da TV na escola não é, ao contrário de que muitos pensam uma forma de lazer, de aliviar a rotina cansativa da escola, ou uma mera ilustração do que é falado em sala de aula.

Geralmente, os mesmos professores que investem todas as suas expectativas na televisão para a solução de seus problemas, acreditam ainda que a Educação através da TV é capaz de fornecer facilidades que os livros didáticos e as aulas não oferecem.

A teleducação esta marcada por facilidades duvidosas, que não são amparadas pelo desafio da aprendizagem autentica, como bastar-se com ver televisão, estudar a distancia, investir o mínimo ou nenhum esforço, etc. imagina-se que tudo vai tornar-se mais ou menos uma brincadeira, como é ver novela, algo atraente, emocionante, envolvente. (DEMO, 1998, p.23)

Se, por um lado a teleducação priva os alunos de aulas meramente expositivas, em que os professores apenas reproduzem informações para os estudantes, por outro lado, isto tem provocado um fenômeno muito comum nas escolas do país.

Conscientes ou não da importância do uso da TV na escola, contra ou a favor ao uso didático de um meio audiovisual, percebe-se ainda um grande despreparo dos professores diante destes meios eletrônicos. Falta ainda ao professor mais tempo, mais estímulo e informação na elaboração de atividades didáticas em que a TV seja um instrumento presente.

[...] a TV e o vídeo, no ensino fundamental e médio, são tratados, geralmente, como meros recursos didáticos que podem, eventualmente, atenuar o desinteresse dos alunos. Presos a suas rotinas (temáticas e metodológicas) e despreparados para o uso desses meios, os professores, em sua maioria, não conseguem articular organicamente os audiovisuais contemporâneos ao processo pedagógico. A presença de equipamentos

em grande parte das redes públicas não significa que eles estejam sendo usados com proveito. Em inúmeras escolas, mesmo, eles permanecem sem uso algum. (FISCHER, 2001, p.112).

Segundo Demo (1998), além de todas estas considerações, há que se lembrar do formato dos programas educativos, produzidos especialmente para o uso em sala de aula. Enquanto alguns professores insistem em manter uma visão crítica deste aparato de comunicação na escola e outros insistem em utilizá-lo de forma impensada, profissionais da área da comunicação e pedagogos ainda procuram a fórmula da produção teleducativa que ensine e eduque eficientemente. Por enquanto, é comum que as aulas transmitidas pela televisão sejam aulas tão expositivas quanto àquelas das escolas. É comum que os produtores da área da comunicação preocupem-se mais com o formato, som, texto e estética que com o conteúdo a ser transmitido.

Apesar dos diferentes posicionamentos em relação às consequências do uso da TV nas atividades didáticas, é inegável sua presença na sociedade, no cotidiano das pessoas e nas Escolas. Através de um trabalho cuidadoso, os professores podem contribuir muito para a formação crítica e disciplinar dos estudantes, através da colaboração dos materiais audiovisuais.

Instruir o homem, é dar-lhe as bases de que necessita para se realizar na vida, bases essas que ele não pode adquirir sozinho. A instrução exige mestres e instrumentos utilizados de forma conjugada. A esses instrumentos que, durante muito tempo, foram os livros e os espetáculos de grandes manifestações ou criações coletivas, se junta hoje à imensa contribuição audiovisual. (LAZAR, 1985, p.13).

2.2 Possibilidades e desafios da TV na sala de aula

Napolitano, afirma que somos diariamente alvo das mensagens midiáticas, sejamos ricos, pobres, jovens, adultos ou crianças. Isto quer dizer que fazemos

parte de uma sociedade cuja cultura e experiências sofrem interferência direta de diferentes mídias, como a mídia televisiva.

Como instituição constituinte da estrutura social, a escola também recebe constantemente a influência de outras mídias, professores, alunos e funcionários que assistem televisão e se informam diariamente através de telejornais. Há uma inegável interação entre conhecimento adquirido em sala de aula e conhecimento adquirido na vida social, ou até mesmo pela da TV. Afinal de contas, além da escola não ser a única fonte de informação disponível para a população, no Brasil, a Televisão é talvez um veículo de informação mais democrático que a escola.

Conhecimentos adquiridos na vida social, através das experiências pessoais, da mídia ou de quaisquer outras fontes, são variáveis até mesmo entre indivíduos de um mesmo grupo midiático. São eles os principais responsáveis pela diferente recepção de uma mensagem.

O que muitos professores podem perceber é que, para os jovens, a midiabilidade se constitui em um fenômeno que chega a determinar a identidade de diferentes grupos ou tribos.

Ao utilizar a televisão na sala de aula, o professor tem que manter este importante aspecto em mente. Lembrar-se que todos nós fazemos parte de uma sociedade midiaticizada e que formamos diferentes grupos midiáticos

Atualmente a diferença chega a se manifestar de forma supervalorizada. Tribos, culturas, diferentes preferências se misturam e formam uma sociedade cuja influência da televisão chega a ser mais um aspecto da cultura contemporânea.

Isto acaba por gerar um desafio à escola, que lida com a dificuldade diária de proporcionar a socialização de seus alunos, participantes de diferentes microculturas, com múltiplas escolhas a fazer experiências de vida diferentes. E estes mesmos alunos, por sua vez, fazem parte de uma identidade nacional.

Estas diferenças no campo social que dão margem à luta de classes, à visibilidade de grupos antes excluídos como os homossexuais, os negros e idosos, passam a ganhar mais espaço na mídia, chegando a Televisão. Se, por um lado, o professor se depara com as diferenças entre os receptores existentes na sala de aula, por outro, ele é convidado a utilizar materiais audiovisuais que diferenciam grupos sociais uns dos outros de forma rotulada: os adolescentes drogados, as jovens grávidas, os idosos abandonados.

Para Fischer (2001), o trabalho da escola deve proporcionar este olhar atento sobre os diferentes grupos sociais que a mídia rotula. Considerava-se que a TV não é capaz de destruir experiências e a cultura que o telespectador já possui.

Hoje não se negam os efeitos da TV, mas já se sabe que a intenção do emissor em sua mensagem pode não realizar-se. Receptor é sujeito ativo e pertence a um contexto sociocultural específico. Interpreta a mensagem, dá-lhe significado de acordo com sua visão de mundo, experiências, valores com a cultura de seu grupo. Cotidianamente, entrecruzam-se influências de família, vizinhança, amigos, trabalho, escola, das mídias (principalmente a TV) e ocorrem a recepção e a decodificação das mensagens. (FIORENTINI e CARNEIRO, 2001, p.17).

Napolitano (2003), afirma que ao planejar o método de ensino, o professor deve ter sempre em mente a diferença cultural de seus alunos. Principalmente quando o material didático não se trate de um livro escolar, mais sim de um programa televisivo. É preciso levar em conta as diferentes formas de recepção de uma mesma mensagem por parte dos diferentes grupos midiáticos existentes na sala de aula.

As leituras de um mesmo texto, imagem ou som são inúmeros. E, assim como para a interpretação de uma informação há diversas possibilidades de leituras, existem também diferentes formas de produzir uma matéria sobre o mesmo tema. A disposição de uma matéria, as imagens mostradas, a angulação dado ao tema. Tudo isso demonstra diferentes maneiras de falar e pensar sobre um mesmo assunto.

Para Fischer (2001), diferentes posturas diante de uma mesma informação são provenientes da influência direta do ambiente escolar e familiar, daquilo que se ouviu falar no cinema, na televisão e em casa. Como então, saber lidar com as diferentes formas de receptividade que existe entre os alunos, um grupo relativamente reduzido? Esta é uma das preocupações que o professor deve ter em mente ao aplicar o uso da televisão na sala de aula. Para que o aluno possa se tornar um telespectador crítico frente à TV o educador deverá pensar em toda cultura de seus estudantes (inclusive a cultura televisiva) e encontrar formas de gerar críticas relativas a este meio, mostrando a influência na vida das pessoas,

tornando-o uma forma de conhecimento. Não basta o professor insistir em criticar a TV, questionar seu conteúdo e considerá-la uma inimiga da escola. Assim como os estudantes, ele faz parte de um grupo midiático, deixa-se seduzir pela mensagem televisiva e deve ser criterioso o suficiente para criticar, mas ao mesmo tempo utilizar as vantagens deste meio.

É de fundamental importância que o professor, pensando nas diferenças culturais e midiáticas entre ele e seus alunos e até mesmo entre os próprios estudantes, saiba selecionar um material televisivo para trabalhar em sala de aula que seja considerado estimulante e interessante para aqueles que irão utilizá-lo como fonte de aprendizagem, de forma que não sejam programas completamente estranhos ao que eles estão acostumados a assistir. Ele deve questionar sempre se o material a ser empregado é adequado para a faixa etária escolar em questão e para as características socioculturais da classe.

Se o professor não souber lidar com estas diferenças, poderá enfrentar grandes dificuldades na implementação destas novas atividades pedagógicas e alguns obstáculos na transmissão de conhecimentos. Porque, se de um lado, há aqueles alunos que estabelecem uma exagerada crença naquilo que vêem e ouvem na TV, há aqueles que insistem em criar uma situação de polêmica e descrença naquilo que é divulgado por outra mídia que não a mídia específica de sua cultura local.

Além do mais, a maior presença da TV na vida do estudante em relação ao livro didático, a discussão de temas que fazem parte do cotidiano do cidadão comum, pode gerar discussões e debates de diferentes opiniões, em que não há tanta troca de conhecimentos, e sim de exposição de visões superficiais.

Braga e Calazans(2001), destacam a defesa de um método de ensino que reduz parte do controle escolar no aprendizado. Eles consideram que, a partir do momento em que a escola respeita as diferenças entre os alunos e os permite guiar o ensino de acordo com suas preferencias, o aluno tem mais liberdade de aprender e acesso a um sistema de ensino mais eficiente. Porém, não descartam o sistema de planejamento de aulas, considerando-o um processo sensato e produtivo.

Hoje já podemos perceber que com a total liberdade e autonomia do aluno nos processos de ensino e aprendizagem, o trabalho do professor é de suma importância, pois ele consegue perceber as diferenças de cada aluno, conhece o seu tempo, bem como as dificuldades e habilidades que cada um dispõe. Tanto

pelas histórias de vida de cada um, quanto pelas preferências que também se diferenciam. A partir daí, o professor poderá planejar um eficiente trabalho pedagógico, que capacite o estudante a trabalhar com mais afinco a área que lhe interessa e com o qual haverá mais chances de se formar profissionalmente.

Antes de planejar a aula e de passar o programa televisivo aos estudantes, o professor deverá assisti-lo e verificar se há possibilidade do material ser mal aproveitado pela turma, se os alunos não considerarão esta atividade como uma forma de relaxar, com o ato de assistir TV em casa. (NAPOLITANO, 2003).

2.3 Contribuições da TV no processo de ensino e aprendizagem

Num período em que a escola enfrenta uma notória perda de espaço na transmissão de saberes legítimos, algumas disciplinas escolares se rendem aos encantos da TV e, até mesmo as disciplinas mais práticas, como educação física, passaram a utilizar este recurso em atividades pedagógicas.

Paralelo ao fácil acesso aos recursos audiovisuais pela população nota-se uma propagação de canais abertos e pagos disponibilizando boas produções que podem ser de rico proveito na sala de aula. Professores de diversas áreas de conhecimento já perceberam que as possibilidades de uso da televisão em atividades didáticas não se esgotam facilmente, pois as finalidades de sua utilização também variam bastante.

O fato da utilização da TV na sala de aula ser cada vez mais comum não quer dizer que ela tenha o papel de substituir a palavra escrita, o livro didático e as famosas aulas tradicionais. Seus recursos sugerem várias propostas de atividades, de acordo com o conteúdo veiculado.

[...] não se trata de propor a substituição da palavra escrita por imagens, visando atualizar a escola numa época de crise de suas formas tradicionais. Nem tampouco de utilizar a tv como estímulo e reforço

didático-pedagógico para as atividades e conteúdos desenvolvidos em sala de aula. (BRAGA; CALAZANS, 2001, p.58).

É importante, ressaltar que em muitas oportunidades o uso da televisão se mostra bastante eficiente na transmissão de conceitos e informações que antes ficavam restritas aos livros didáticos. Os estudantes, inevitavelmente, têm mais acesso ao uso da TV e estão bastante acostumados à sua linguagem.

A linguagem da TV/vídeo é sintética, isto é, pode apresentar, em pouco tempo, por meio de uma combinação de imagens, sons, fala e, com o mínimo de texto escrito, situações muito complexas. Essas mesmas situações, para serem comunicadas verbalmente, demandariam a produção de textos mais ou menos extensos, de leitura demorada e, em geral, pouco atraente, com informação abstrata. (FIORENTINI; CARNEIRO, 2001, p.66).

Segundo Penteado (1991), num país como o Brasil, em que a taxa de analfabetismo atinge níveis altíssimos e que o hábito de leitura é privilégio de poucos, a televisão, tão acessível, presente no cotidiano dos estudantes e renegada por muitos, pode possibilitar a resolução de alguns problemas de ensino.

Através do uso da televisão na escola, é possível ampliar a discussão sobre temas variados, aumentar o interesse dos alunos e criar uma dinâmica em sala de aula, se utilizados apropriadamente. Se por um lado alguns professores justificam o não uso de programas educativos nas escolas por julgá-los cansativos, lentos ou pouco eficientes, podem-se utilizar programas veiculados pela televisão aberta que podem se transformar em ricos instrumentos de ensino.

Há, porém, muitos e bons vídeos temáticos não-didáticos que fazem aprender. São documentários, telejornais, reportagens, entrevistas, filmes de ficção e até desenhos animados que, realizados sem finalidades instrucionais específicas, tratam de temas que deveriam integrar a bagagem cultural básica de todos os cidadãos, e por isso mesmo estão presentes, direta ou indiretamente, em diferentes programações de ensino. São temas históricos (antigos ou recentes), científicos (de todos os campos: natureza, vida, biologia, física, sociologia, economia, medicina,

psicologia) sócio-culturais e políticos, artísticos. Tais vídeos podem desempenhar funções pedagógicas relevantes, embora não raro negligenciados no processo de ensino aprendizagem, tais como motivar, contextualizar, aprofundar, diversificar pontos de vista, questionar e discutir, auxiliar a compreensão dos processos e conceitos. E cumpre essas tarefas, boa parte das vezes, mostrando e não apenas verbalizando. Daí, a meu ver sua maior valia. Permanece, porém, uma condição básica: os professores aprender a usa-los. (FISCHER, 2001, p.133).

O acesso, aos diferentes canais de TV esta cada dia mais disponível. Além dos canais abertos como a Rede Globo, o SBT, a Bandeirantes e a Record, existem também emissoras preocupadas com a veiculação de uma programação com potencial educativo (TVE e TV Cultura). A TV fechada também põe no ar canais cuja programação consta de documentários bastante informativos, de caráter educativo e de valia no ensino de determinados temas. Os professores interessados na utilização do audiovisual encontram várias opções na escolha de vídeos.

[...] no universo dos canais abertos, programas de qualidade cultural e, portanto, de potencial educativo são encontrados nas emissoras públicas ou estatais, como a TV Cultura de São Paulo, a TVE do Rio de Janeiro e demais TVs educativas regionais, como as de Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Bahia, Pernambuco, Maranhão. A expansão dos serviços de TV a cabo também vem permitindo, nas cidades maiores, o aumento do acesso das escolas a canais que veiculam bons programas. É o caso do Discovery, do GNT, do National Geographic, do Eurochannel, do Globo News, entre outros. Caso especial, o Futura apresenta-se como o canal do conhecimento e dedica-se a escola e ao professor boa parte de sua grade de programação. Funcionado em tempo integral, ele é mantido pelo patrocínio de grandes empresas e pilotado pela fundação Roberto Marinho. (FISCHER, 2001, p.112).

Fica claro, então, que acesso a programas de qualidade esta se tornando cada vez mais fácil. Os professores não precisam necessariamente se limitar ao uso de certos programas educativos disponibilizados pelo governo. Eles podem recorrer a distintos arquivos disponíveis na própria internet, em sites de boa qualidade, que permitem o acesso gratuito para qualificar e melhorar a qualidade de sua aula. Parte, daí, o interesse em utilizar estes recursos e de saber fazer um bom uso.

Segundo Ferrés (1996), muitos programas, documentários e matérias jornalísticas produzidas mesmo sem objetivo de ensinar, podem ter um cunho educativo ou servir como ilustração de uma determinada época, servindo até mesmo como fixadores do conteúdo escolar.

Telejornais aproximam estudantes da realidade do Brasil e abrem a discussão para temas que fazem parte da realidade dos alunos através de reportagens e documentários especiais, que resgatam o passado ou simplesmente fazem uma análise de algum setor da atual sociedade.

Este aumento na procura de materiais de apoio, que enriquecem o planejamento didático dos professores, se justifica tanto pela preocupação de algumas emissoras em oferecer uma programação de qualidade, quanto pelo interesse dos meios de comunicação em divulgar tudo aquilo que se refere não apenas a sociedade, mas também as áreas de conhecimentos específicos. Percebe-se um crescente mercado voltado para os mais diferentes gostos, como: revistas de informática, de descobertas científicas, de cinema, etc.

Para Fischer (2001), o que antes ficava restrito a comunidade acadêmica, atualmente é divulgado para a TV, assim como para os outros meios de comunicação. Interesse de mercado ou não, esta divulgação de descobertas e de conhecimentos parte da premissa que todos têm direito a informação.

Cabe a escola, utilizar este acesso a informação, proporcionado pela mídia, para a transmissão de conhecimentos e discussão em sala de aula, assim como a comunicação se serve da educação e do ensino como pauta de discussão tantas vezes. Percebe-se através dos programas televisivos que as linguagens utilizadas nessa mídia impressionam os jovens, pois os mesmos são dinâmicos e emotivos e nessa fase, geralmente utilizam mais a emoção do que a razão.

A utilização do vídeo em sala de aula tem sido uma ferramenta poderosa, proporcionando a possibilidade de enriquecer toda a prática pedagógica na sala de aula. O vídeo é um recurso com poder extraordinário de atenção, principalmente se a temática atende aos interesses dos expectadores. Esses instrumentos enriquecem as aulas, proporcionam a interação com o conhecimento e estimula a participação direta do aluno.

O uso do vídeo em sala de aula requer preparação prévia do professor, seguindo certos critérios de acordo com o objetivo que se deseja alcançar. A princípio, a escolha do vídeo deve ser relativo ao conteúdo estudado, como suporte

para melhorar a compreensão do aluno. O professor precisa conhecer o vídeo antecipadamente, observar os detalhes, cenários, planos, cenas, mensagens, épocas e estilos. Esse vídeo deve ser estudado para que sejam elaborados tópicos pertinentes para serem abordados em sala. É importante que o professor conheça seu público-alvo e identifique o melhor tipo de atividade para cada grupo. Como a atividade altera a rotina normal da aula, os alunos se mostram mais interessados e participativos do que se mostrariam em uma aula expositiva, podendo o audiovisual ser amplamente utilizado por educadores.

Segundo Moran (1993, p. 40) “o vídeo está umbilicalmente ligado à televisão e a um contexto de lazer, e entretenimento, que passa imperceptivelmente para a sala de aula. Vídeo, na cabeça dos alunos, significa descanso e não "aula", o que modifica a postura, as expectativas em relação ao seu uso”. Precisamos aproveitar essa expectativa positiva para atrair o aluno para os assuntos do nosso planejamento pedagógico. Mas ao mesmo tempo, saber que necessitamos prestar atenção para estabelecer novas pontes entre o vídeo e as outras dinâmicas da aula.

O vídeo pode se tornar uma forte ferramenta a ser utilizada pelos professores, quando utilizada de maneira correta.

Além de realizar uma nova prática pedagógica com os alunos a partir do uso da televisão, o professor dá uma oportunidade aos estudantes de pesquisar, selecionar e interagir com novas fontes de informação, que não devem se limitar aos livros didáticos. É claro que, para que a atividade obtenha sucesso, o material deverá ser coerente com o objetivo do curso e da atividade programada e, também, com o currículo, além de tornar os alunos aptos a buscar desdobramentos para aquela pesquisa realizada.

Trata-se não somente de aplicar aos trabalhos disciplinares os recursos possíveis através da mídia eletrônica. Mas, sim de transformá-la em objeto didático, ampliando as possibilidades de estudos, aproximando os estudantes de realidades antes muito distantes e de conceitos antes desconhecidos.

O que se conclui é que os programas televisivos utilizados em sala de aula, dos mais variados gêneros, podem ter as mais diferentes finalidades e o professor não precisa se prender somente ao uso de programas educativos.

3 A NOSSA ESCOLA I.E.E. ASSIS CHATEAUBRIAND

O Instituto Estadual de Educação Assis Chateaubriand do município de Charqueadas está situado na Vila Residencial Aços Finos Piratini, cuja localização em relação à cidade é distante dos demais bairros e do próprio centro da cidade, portanto se torna de difícil acesso aos alunos que se deslocam dos mais variados pontos do município.

A escola tem por base o engajamento de toda comunidade Escolar em sua filosofia, os princípios da democracia e da participação, em busca de uma educação de qualidade que exige uma visão integral de pessoa, da compreensão de seu ser, ser este que constrói sua história. Dentro dos princípios e diretrizes da educação, busca também, valorizar a caminhada de cada um, construindo em conjunto valores que respondem positivamente aos anseios e perplexidade do contexto atual.

Assim, o “Assis Chateaubriand” busca valorizar a personalidade do educando, incentivando-o a ser crítico e participativo; como também buscando a riqueza das diferenças individuais, aprimorando o diálogo, aprofundando o saber, instrumentalizando-o através do conhecimento comprometido com o progresso e com a ciência, valorizando a caminhada de cada um e construindo juntos, valores que respondam positivamente aos anseios e às perplexidades do homem no contexto atual.

O I.E.E Assis Chateaubriand, atualmente tem 1003 alunos matriculados, sendo 154 alunos do Ensino Fundamental, 82 alunos do Ensino Fundamental de 9 anos, 540 do Ensino Médio, 56 do Curso Normal, 65 do Normal Módulos, 106 do Curso Técnico em Química e, 75 professores e funcionários. Funciona nos três turnos: manhã, tarde e noite e, ainda participa de projetos com Escola Aberta e Mais Educação.

4 METODOLOGIA

A abordagem metodológica ou estratégia de pesquisa está voltada ao estudo de caso, com resultados a partir de análise qualitativa.

Segundo Godoy (1995), o estudo de caso se caracteriza como um tipo de pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa profundamente, que visa o exame detalhado de um ambiente, de um simples sujeito ou de uma situação particular.

Para Yin (2005), esta é uma forma de se fazer pesquisa empírica que investiga fenômenos contemporâneos dentro de seu contexto de vida real, em situações em que as fronteiras entre o fenômeno e o contexto não estão claramente estabelecidos, onde se utiliza múltiplas fontes de evidencia.

Então, observando a instalação de equipamentos nas escolas públicas do município de Charqueadas, conclui-se que seria interessante analisar se estes recursos estariam sendo bem aproveitados pelos professores. Primeiramente, foram entrevistadas duas professoras de outras escolas do município, para podermos estar verificando o uso dos recursos audiovisuais disponíveis. Levando-se a campo as seguintes indagações: se os professores utilizam a TV como recurso ilustrativo ou como instrumento para reflexão e crítica da sociedade? E, se eles têm observado um bom resultado no Ensino, através destas atividades pedagógicas.

4.1 Sujeitos da pesquisa

Para análise do uso da TV nas escolas, foram entrevistados professores da Rede Pública de Ensino do I. E. E Assis Chateaubriand, pois esta instituição apresenta experiência com uso de recursos audiovisuais. Professores do sexo feminino(8) e masculino(5), com idades entre 30 e 45 anos e, que além de trabalharem na rede pública de educação, também trabalham na rede municipal de educação de Charqueadas.

Professores graduados na disciplina que lecionam e com especialização, preocupados com a aprendizagem dos alunos e, que estão habituados ou não, ao planejamento de aulas que incluíssem os meios audiovisuais como materiais de apoio ao ensino.

4.2 Coleta de dados

Para a coleta de dados, considerou-se pertinente a realização de entrevistas não diretivas, do tipo semi-estruturada. Este tipo de entrevista combina perguntas fechadas e abertas, onde o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto, sem respostas ou condições prefixadas pelo pesquisador. Para uma melhor compreensão desta metodologia de coleta de dados pode-se dizer que:

A entrevista pessoal possibilita maior flexibilidade, melhora a compreensão (porque se podem repetir as perguntas ou formula-las de outro modo e acrescentar, inclusive, perguntas esclarecedoras). O entrevistador pode criar uma atmosfera favorável que torne possível a expressão de sentimentos e motivações. A validade das respostas é maior, porquanto o entrevistador não registra apenas o que diz o informante, mas como o diz. (VERA, 1974, p 43)

Houve a preocupação em garantir aos professores uma entrevista que não lhes constrangesse. Desta forma, foi-lhes apresentado o objetivo da pesquisa e dada à segurança de que seus nomes não seriam divulgados. Seguiu-se a seguinte indicação de Vera (1974, p.43), “a arte do entrevistador reside em sua capacidade para criar uma atmosfera favorável, de modo que o entrevistado possa expressar suas opiniões sem temor e com franqueza”.

A escolha dos locais e horários das entrevistas foram determinados pelos próprios professores, de acordo com sua conveniência. Todos optaram por serem entrevistados no próprio local de trabalho, durante os intervalos, ou antes, de iniciarem as aulas. Desta forma, todos puderam se sentir à vontade para conversar e, muitos convidaram o entrevistador a participar de uma de suas aulas.

Para evitar distorções e erros nos registros das respostas dos entrevistados, algumas foram gravadas com o uso do celular e transcritas para posterior análise de conteúdo.

4.3 Análise dos resultados

Com base nos dados levantados foi possível observar que os professores têm idade de 30 a 45 anos, trabalham com turmas das series iniciais(3), ensino

fundamental(5), ensino médio(3) e curso técnico(2). Todos com ensino superior e com especialização, alguns cursando neste momento.

Os professores buscam atualização por conta própria e demonstram grande preocupação no planejamento das aulas em que utilizam os recursos da TV ou vídeo. Eles gostariam que a escola proporcionasse mais cursos de formação nesta área para o grupo.

Todos sabem que as aulas têm que ser agendadas com antecedência, pois a escola é grande e as salas com recursos são poucos (2 salas de vídeo e 2 laboratórios de informática, onde estão instalados também os data-show), para 1003 alunos. Todos conhecem os equipamentos tecnológicos que escola dispõe.

Questão de pesquisa I – Seus alunos adoram assistir TV e sempre chegam comentando os programas que vêem. Como você aproveita os comentários de seus alunos em suas aulas?

O professor X acredita que a TV pode mostrar e ensinar muitas coisas que são aproveitáveis no dia a dia de cada aluno, mas também não. Ele transcreve esta idéia no extrato 1.

Extrato 1- Resposta do professor X a questão de pesquisa I

Professor X: Procuo buscar neles algo que possa ligar a disciplina, ou então aproveitar posturas demonstradas para que sirvam de referência para as habilidades que eles têm que desenvolver no mercado de trabalho.

Já outro professor Y, que trabalha com crianças das series iniciais, transcreve sua idéia no extrato 2.

Extrato 2- Resposta do professor Y a questão da pesquisa I

Professor Y- Os alunos das series iniciais, costumam assistir desenhos animados e programas infantis. Normalmente eles procuram jogos em que apareçam os personagens dos programas, ás vezes realizamos trabalhos com estes personagens, outra colega trabalhou uma propaganda da BECEL para trabalhar alimentação saudável e ao mesmo tempo afetividade. No caso,

conseguimos a propaganda no You Tube e passamos para os alunos no LABIN, onde realizamos alguns trabalhos.

Analisando o extrato 1 e 2, entende-se que os professores X e Y, aproveitam os comentários de seus alunos de acordo com a faixa etária que lecionam e procuram, da melhor maneira possível, fazer uma adequação a disciplina e a aula que estão ministrando. Eles também buscam outras fontes de referência para utilizarem na sua prática pedagógica.

Questão de pesquisa II - Você utiliza o vídeo relacionado com as discussões que estão em pauta na roda de alunos ou simplesmente utiliza o vídeo em abordagens disciplinares descontextualizadas dos interesses dos alunos?

O professor A responde da seguinte forma a indagação.

Extrato 3 - Resposta do professor "A" a questão de pesquisa II.

Professor A: Deve haver um equilíbrio, o professor deve avaliar o vídeo antes de passar para os alunos existem vídeos que podem passar mensagens contrárias aos que o professor pretende principalmente em relação à afetividade. Existe muita programação infantil voltada à violência, ao preconceito e até mesmo ao bullying.

E outros comentários foram surgindo, durante a entrevista:

Extrato 4 – Resposta do professor K a questão de pesquisa II.

Professor K: A TVE tem muita programa bom. Mesmo filme, assim, independente de outros canais. Hoje mesmo eu passei na locadora pra saber o que tinha para eu usar na 5ª serie sobre o Egito. Porque a 5ª serie não adianta eu passar um filme didático que eles não vão nem aí...eles não vão

prestar atenção em nada. Então tem que ser um filme que desperta a atenção deles.

Analisando estes dados, podemos afirmar que a escolha dos vídeos acontece em função da adequação para a classe e para os objetivos da disciplina. Esta tarefa é de fundamental importância para que o exercício proposto tenha o sucesso esperado.

Para Napolitano (2003), se o professor está interessado em incorporar um novo material de aprendizagem, é melhor que ele planeje essa incorporação e se prepare previamente para extrair o máximo possível desse material. Tem sido muito comum o desestímulo de professores que, ao incorporar uma nova experiência didático pedagógica, não encontram o retorno esperado da classe.

Percebe-se que todos os professores entrevistados exercem seu poder de seletividade dos materiais audiovisuais conforme a grade curricular, o seguimento específico a ser trabalhado e, pelo tempo de duração dos vídeos. Este aspecto pode ser evidenciado no extrato 5.

Extrato 5 – Resposta do professor k a questão de pesquisa II.

Professor K: A gente seleciona. Uma coisa é a gente colocar assim: sempre a gente tem que ver o vídeo antes pra poder passar pros alunos, senão não adianta nada. O trabalho fura.

Conforme Napolitano:

É importante que o professor conheça a cultura televisual do aluno e trabalhe com ela para iniciar a sua experiência, sem impor programas ou fontes completamente estranhos ao universo do grupo. (Napolitano, 2003, p.44).

Questão de pesquisa III: Quais competências e habilidades os professores desejam desenvolver nos seus alunos através destes recursos pedagógicos e como fazem isto?

Em relação a questão III de pesquisa foi possível evidenciar os seguintes aspectos:

Extrato 6 – Resposta do professor X a questão de pesquisa III.

Professor X: Não saberia alencar muitas habilidades, mas eu particularmente busco fazer com que eles saibam onde buscar a informação, onde aprenderam mais sobre o assunto de interesse deles.

Já o professor Y diz o seguinte:

Extrato 7 – Resposta do professor Y a questão de pesquisa III.

Professor Y: Acredita que com a utilização da TV e do vídeo podem ser trabalhados a criticidade, a atenção, a percepção de mundo, a comparação, entre outros aspectos.

Segundo Moran (2009), é importante educar para a autonomia, para que cada um encontre o seu próprio ritmo de aprendizagem e, ao mesmo tempo, é importante educar para cooperação, para aprender em grupo, para intercambiar idéias, participar de projetos, realizar pesquisas em conjunto.

Só podemos educar para autonomia, para a liberdade com autonomia e liberdade. Uma das tarefas mais urgentes é educar o educador para uma nova relação no processo de ensinar e aprender, mais aberta, participativa, respeitosa do ritmo de cada aluno, das habilidades específicas de cada um. (MORAN, 2009, p.11).

Questão IV da pesquisa: Você acredita que a TV e o vídeo podem ser utilizados apenas por professores de algumas disciplinas? Comente.

Pode-se constatar que os professores, de modo geral, acreditam que sempre há algo a ser utilizado, seja qual for a disciplina. Sobre esta idéia Freire (1984, p. 40) diz que a televisão não pode ser compreendida em si. Ela não é instrumento puramente técnico, o uso dela é político.

Extrato 8 – Resposta do professor k, a questão de pesquisa IV

Professor K: Fico extremamente chateado quando meus colegas falam que só os professores de História e Sociologia é quem usam o vídeo na escola, penso que cada professor dentro de sua disciplina pode buscar outros meios para qualificar suas aulas, já vi professores de matemática, levando alunos na sala de vídeo e mostrando para eles vídeos do tipo “Código da Vinci”, “Em busca do Tesouro Perdido, já vi também e, na minha escola é muito comum a professora de Espanhol levar os alunos para olharem filmes em espanhol, para trabalhar a linguagem e a pronúncia, que são escolhidos a dedo por ela. Quando posso auxilio meus colegas gravando vídeos do *You Tube* para serem usados na aula.

Questão V da pesquisa: Existe algum preconceito em relação ao uso da TV na sala de aula?

O extrato 9 evidencia a opinião do professor A sobre a questão de pesquisa V.

Extrato 9 – Resposta do professor “A” a questão de pesquisa V.

Professor A: Não tenho nenhum preconceito, apenas acredito que deveria haver sim um acompanhamento para auxiliar os professores na escolha de programas e adequação do que é posto a disposição do aluno, para que não caiamos no uso inadequado desta tecnologia. Apenas ressalto a importância de esclarecer aos alunos que as atividades didáticas com o uso da TV não são atividades de lazer, de relaxamento.

Entende-se que a professora A não apresenta preconceito ao uso da TV em sala de aula, contudo acredita que o professor deve ser assessorado na escolha e adequação dos vídeos e filmes, para evitar o uso inadequado. Ela ressalta o uso da TV para fins pedagógicos e não como forma de lazer ou relaxamento. Segundo Napolitano (2003), esta preocupação da professora A deve existir na proposta de qualquer atividade didática que utilize um novo instrumento de aprendizagem.

Desde o início esclareça a classe de que, ao propor uma nova experiência didático-pedagógica, a partir de uma nova fonte de aprendizagem (como o

cinema, a musica e a TV), as atividades que seguirão são trabalho, e não lazer. (NAPOLITANO, 2003, p.45).

Podem-se constatar diferentes tipos de incorporação da TV nas atividades didáticas dos professores entrevistados.

Em algumas ocasiões, os vídeos têm a função de ilustrar, através de imagens, o que já foi transmitido em sala de aula, através do discurso oral do professor ou do material já estudado.

Em outros casos, os professores utilizam os vídeos para a discussão de temas transversais, para gerar reflexão acerca de problemas sociais, políticos, etc.

Isto pode ser constatado na resposta do professor M a questão de pesquisa V.

Extrato 10 – Resposta do professor M a questão de pesquisa V.

Professor M: *Na semana do meio ambiente, nós desenvolvemos, trabalhamos o filme “A Ilha das Flores” e a poesia “É o bicho”. Depois fizeram um trabalho sobre esse filme e a poesia, fazendo um paralelo entre os dois e dando sugestões de modificações daquela situação.*

Entre os temas transversais, alguns professores utilizam a TV nas atividades didáticas para tornar seus alunos telespectadores críticos e capazes de refletirem sobre a mensagem televisiva, que seria uma educação para a televisão, como é ressaltado a seguir:

A formação para a cidadania não pode mais dispensar uma consistente educação para a mídia televisual. Como formadora de comportamentos e opiniões, a TV exerce um poder sem precedentes. Não cabe negar esse fato, nem abordá-lo emocionalmente. (FISCHER, 2001, p.113).

Esta idéia pode ser evidenciada na resposta do professor Y, ilustrada no extrato 11.

Extrato 11 – Resposta do professor Y a questão V.

Professor Y: *Eu falo com eles: vocês não vão ficar assistindo só a Globo...não tenho nada contra a Globo, vamos assistir outros canais, vamos ver o que*

eles tem de bom, analisar aspectos positivos e negativos, e aprender a ser mais críticos na escolha da programação assistida.

Os professores entrevistados, em sua totalidade, não substituem os métodos de ensino tradicionais pela TV. A TV é utilizada para enriquecer e complementar o processo de ensino e aprendizagem. Isto pode ser observado no extrato 12.

Extrato 12 – Resposta do professor M a questão de pesquisa 5.

Professor M: É um companheiro, é uma ferramenta. Vamos deixar bem claro isso. A meu ver, o vídeo é uma ferramenta. Substituir nunca porque a leitura é imprescindível.

Em alguns casos, eles são utilizados sim, para solucionar problemas de ensino, como dificuldades dos alunos para assimilar o conteúdo didático, mas não são ferramentas usadas isoladamente.

Através da análise dos dados, foi possível constatar que os professores tem obtido bons resultados através do uso da TV em sua prática pedagógica. Contudo, ressalta-se que é necessária uma seleção prévia do material a ser utilizado, no intuito de verificar se este é adequado ao objetivo proposto e se irá trazer benefícios didático-pedagógicos aos aprendizes.

5 CONCLUSÃO

Sabe-se que o processo de implementação dos meios audiovisuais nas atividades didático-pedagógicas ainda não se consolidou em todas as escolas e que os resultados deste trabalho não são tão imediatos. Discutem-se muito as diversas formas de incorporação da TV na sala de aula, mas já se conclui que a melhor forma de utilizá-la é adequando-a ao grupo de estudantes com o qual se está trabalhando.

Através deste trabalho, foi possível constatar a preocupação dos professores do I. E. E. Assis Chateaubriand em garantir aos alunos uma didática condizente com suas necessidades. O trabalho, apesar de ser idealizado muito intuitivamente pelos professores, tem gerado bons resultados. A televisão, o cinema, a internet e demais tecnologias nos ajudam a realizar o que já fazemos ou que desejamos. Se somos pessoas abertas, nos ajudam a comunicar-nos de forma mais confiante, carinhosa; se somos fechados, contribuem para aumentar as formas de controle. Se temos propostas inovadoras, facilitamos a mudança. Educar com novas tecnologias é um desafio que até agora não foi enfrentado com profundidade. Temos feito apenas adaptações, pequenas mudanças.

A linguagem midiática não deve ser ignorada pelo universo escolar. Não cabe aos professores apenas criticar a televisão e considerá-la uma inimiga ou concorrente da aprendizagem e sim, explorar todas as vantagens que este meio pode oferecer. O professor precisa tornar o aluno um telespectador autônomo e crítico destas ferramentas, promovendo o fornecimento de novas linguagens para os estudantes e, com isso, atualizar a concepção de fonte de aprendizado. Ou, seja a escola deve sempre ter como objetivo a educação de uma sociedade em constante mudança, não supervalorizando o novo, mas também democratizando algo da educação tradicional, que ainda é privilégio de poucos.

Este estudo certamente não está concluído. Para os próximos estudos, considera-se importante ampliar o campo da pesquisa, estendendo-a a outras instituições ou ainda a outros municípios. Assim, será possível obter um panorama regional do uso da TV como recurso pedagógico. Pode-se ainda coletar informações com os alunos, pois eles são a parte interessada e não pode ser ignorada.

REFERÊNCIAS

BRAGA, Jose Luiz; CALAZANZ, Regina. **Comunicação e educação**: questões delicadas na interface. São Paulo: Hacker, 2001.

DEMO, Pedro. **Questões para a Teleducação**. Petrópolis: Vozes, 1998.

DUARTE, Rosália. **Cinema e Educação: fruir e pensar a TV**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

FERRES, Joan. **Televisão e Educação**. Trad. Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

FIORENTINI, Leda Maria Rangearo; CARNEIRO, Vania Lucia Quintão (coord). **TV na Escola e os Desafios de Hoje**: usos da Televisão e do vídeo na Escola. 2.ed. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Televisão e Educação**: fruir e pensar a TV. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

GODOY, Arilda S. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. In Revista de Administração de Empresas, v.35, n.2. Mar/Abr 1995a, p. 57-63.

.

LAZAR, Judith. **Escola, Comunicação, Televisão**. Trad.Zelia Faria. Porto: RÉ, S.data.

MANDARINO, M.C.F. Organizando o trabalho com vídeo na sala de aula. **Revista Eletrônica em Ciências Humanas**, Ano 1, 2002. Disponível em: <<http://www.unirio.br/morpheusonline/Numero2000/monicamandarino.htm>> Acesso em: 21 nov. 2010.

MORAN, José Manuel. **Desafios da televisão e do vídeo na escola**: texto de apoio ao programa salto para o futuro da TV escola no módulo TV na escola e os desafios de hoje, no dia 25/06/2002. Disponível em: <http://www.tvebrasil.com.br/salto/boletins_2002/tedh/tedhtxt2b.htm2> Acesso em: 20 nov. 2010.

_____. **Mudar a forma de ensinar e de aprender com tecnologias.** 3.ed. São Paulo: Paulinas, 2007. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/prof/moran/uber.htm>> Acesso em: 13 nov. 2010.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar a Televisão na Sala de Aula.** 5.ed. São Paulo: Contexto, 2003.

PENTEADO, Heloisa Dupas. **Televisão e Escola:** conflitos ou cooperação? São Paulo: Cortez, 1991.

RAMOS, Jânia M. **O espaço da oralidade na sala de aula.** 2ª ed., São Paulo: Editora Cortez, 1991.

SCHAUN, Angela. **Educomunicação:** reflexões e princípios. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

VERA, Armando Asti. **Metodologia da pesquisa científica.** Trad. Maria Helena Guedes Crespo e Beatriz Marques Magalhães. Porto Alegre: Globo, 1974.

YIN, Robert. **Estudo de Caso: planejamento e métodos.** 2.ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

